

PODCAST VEJA BEM

Transcrição Podcast - Veja Bem Ep. 02

Abaixo seguem as legendas utilizadas:

C = Professor Clóvis de Barros;

F = Professor Carlos Ferrari;

V = Vinheta.

F: Todo caminho era possível ser tocado. Eu conto essas duas histórias porque, em ambos os casos, o contato pra mim com o belo foi muito diferente.

C: Elas começaram a dizer assim pra mim: "Caramba! Como você, quando foi perdendo o contato com a visão, ficou fresco com algumas coisas!"

V: Veja Bem: O podcast semanal para pensar a vida com outros olhos. Com os professores Clóvis de Barros Filho e Carlos Ferrari. *

F: Olá! Eu sou o professor Carlos Ferrari!

C: E eu sou o professor Clóvis de Barros.

C: Iniciando nosso segundo episódio do "Veja Bem", hoje falando sobre o belo: a beleza do instante que não se vê. É impossível falar sobre pensar a vida com outros olhos sem falar do belo. Acreditem, foi difícil definir os temas de conversa para essa primeira temporada porque é um universo imenso de possibilidades. Mas não dá pra falar de múltiplas formas de ver o mundo sem falar da beleza do instante que não se vê. Você já parou para pensar que o papo sobre o belo está sempre conectado à experiência visual?

É claro que a gente fala da beleza da música, da poesia, mas o domínio da narrativa, nesse campo, é sempre majoritariamente conectado ao que é captado pelo olhar. E aí a gente tem dois problemas: o primeiro refere-se a um entendimento que povoa o imaginário coletivo, cuja ideia é de que pessoas cegas são privados do contato pleno com a beleza. Felizmente está longe de ser verdade e mais adiante vou compartilhar com vocês uma visão que tenho sobre o assunto; o segundo problema é que existe um resultado, um desperdício imenso de oportunidades. Por ver a busca do belo apenas pelo canal visual, as pessoas deixam de vivenciar, de contemplar outras formas fantásticas de se conectar com a beleza. Professor, é possível explicar o porquê da hegemonia do "ver" quando buscamos conversar ou contemplar as diferentes belezas do mundo?

C: querido Carlos, nossos queridos ouvintes, gente amiga que nos acompanha, eu acredito mesmo que a questão da beleza na história do pensamento foi por dois caminhos muito diferentes. O primeiro caminho é entender a beleza como um dado

objetivo da realidade. E, naturalmente, eu me atrevo a dizer que a filosofia começa com essa convicção. Os gregos, quando se referiam à beleza do mundo, dos corpos de uma obra de arte, invariavelmente estavam se referindo a um atributo da realidade que seria belo ou não. Na hora que você propõe esse tipo de tese, é obrigado a ter uma referência: Se a beleza é um dado da realidade, quando a realidade é bela? Quais são as características desse atributo? O cosmos, como um todo ordenado, harmônico etc., que se traduzia, do ponto de vista visual, numa certa simetria. Então a beleza da arquitetura estava na simetria, de uma escultura, dos corpos etc. Então a simetria seria um dos aspectos que traduziria a beleza do cosmos em qualquer elemento de realidade. No caso de uma obra de arte, a coisa é ainda mais simples. A obra de arte é bela quando ela representa, num pequeno pedaço de matéria, a totalidade do universo. Invariavelmente ela imprime num pedaço de matéria, seja ela madeira, tela,

Ondas sonoras, a ideia. E a ideia fundamental dos gregos era de cosmos, e quando você encontrava num pequeno pedaço de matéria a tradução do cosmos havia beleza. Do contrário, não. A segunda opção é a beleza numa sensação de quem observa o mundo. Assim "a beleza está nos olhos de quem vê", assim diz a sabedoria e a ignorância popular. Aí você tem a estética.

A estética, que surge da metade do século XVIII, vem do grego aesthesis, mas possui uma concepção de beleza completamente diferente da dos gregos clássicos, é belo aquilo que alegra, me agrada, traz boas sensações, e é feio o que me desagrada etc. E onde a deficiência visual entra aí? Ela entra nos dois pontos. Se o belo é um dado da realidade, Veja Bem 2 que o deficiente visual deverá flagrar os atributos da realidade com os recursos que são seus. No que diz respeito ao segundo ponto de vista, a beleza como uma sensação, evidentemente que aí então, aqueles que são amputados da visão, poderão ter seu corpo e sua alma afetados por uma materialidade do mundo, pelos demais recursos que o corpo tem para essa captação: tato, visão, olfato, audição, e todos eles são recursos que temos pra entrar em contato com a beleza do mundo.

O Veja Bem é editado e conta com locução, ou de profissionais cegos, ou com baixa visão. Quer conhecer a rádio da Organização Nacional de Cegos do Brasil e apoiar esse trabalho? É só baixar o app da rádio ONCB na sua loja do Android ou IOS; para apoiar e conhecer a organização, acesse o site: www.oncb.org.br/doacao

Olha aí que bacana, o recado do pessoal da rádio ONCB! Nesse momento em que a gente está discutindo sobre como a percepção de beleza foi se transformando na medida em que a gente evoluiu enquanto civilização, professor!

E com isso, já dá pra a gente ir pra segunda parte da nossa conversa, onde nós vamos refletir sobre o encontro com o belo de olhos fechados.

E com isso, já dá pra a gente ir pra segunda parte da nossa conversa, onde nós vamos refletir sobre o encontro com o belo de olhos fechados.

Pra isso eu quero compartilhar com vocês duas pequenas histórias, por meio de duas experiências vivenciadas por mim ao longo dos últimos 5 anos. Eu, a Monalisa e a Serra do Rio do Rastro. Lembram que eu prometi voltar e explicar minha opinião sobre a relação entre nós, pessoas cegas, e as oportunidades de nos conectar com o que é belo? Pois é sobre isso essas histórias.

A primeira é sobre o dia em que eu conheci a Monalisa: O ano era 2016, a cidade, Orlando, na Flórida e nós estávamos no encontro da WBU, (World Blind Union) ou, em português, nossa querida União Mundial dos Cegos. Éramos milhares de cegos, cerca de 3500 pessoas representando cerca de 150 países e em meio ao término de uma palestra e início de uns debates, eu e alguns amigos decidimos passear pelo espaço do hotel e fomos atraídos pela feira de expositores. Um verdadeiro paraíso de tecnologia assistiva: lupas, bengalas, uma série de coisas que deixaria qualquer pessoa fascinada quando soubesse o poder dessas ferramentas para transformar vidas de pessoas com qualquer limitação visual. Em um desses stands, eu identifiquei uma fila imensa, tratava-se de uma empresa de impressão 3D que prometia alta fidelidade na produção de coisas que só podiam ser vistas. Pois é, os caras tinham como grande atração a icônica obra do Da Vinci, a Monalisa. Eu entrei na fila e fiquei lá muito tempo, pra depois estar por alguns minutos com a grande obra histórica que eu jamais poderia ter a menor ideia de como seria. Bom, anos depois eu tive a oportunidade de conhecer a Serra do Rio do Rastro. O meu amigo, prof. Célio, de Santa Catarina, contou que era uma das mais belas e perigosas serras do mundo, e nós fomos conhecer essa beleza da natureza, famosa pela capacidade de encantar qualquer pessoa que fizesse contato visual com sua grandeza. Só que, quando eu cheguei ao topo, havia uma representação tátil de todo caminho na rocha, impressa em uma estrutura rochosa. E aqui está o link entre as duas histórias: tanto no momento em que eu tive contato com a Monalisa, quanto quando eu pude tocar e no caminho da Serra do Rio do Rastro, eu não pude enxercar as retinas com a quantidade de beleza exposta para aqueles que pudessem ver.

Na beleza daqueles instantes que não vi, eu pude sentir a emoção de tocar uma super tecnologia que, quem sabe, daqui alguns anos, vai transformar a vida dos cegos e a relação de todo nosso povo com o belo, ou com outras tantas informações. Também pude contemplar, a grandeza de uma serra que não precisa ser vista para se fazer sentir. Se um dia você puder ir à Serra do Rio do Rastro, não esqueça de fechar os olhos. Sinta o clima e se conecte com a infinidade de sons e aromas que a serra oferece, não só a serra, mas todas as guloseimas que estão dispostas lá no topo.

Professor, agora gostaria muito de te perguntar: É possível, mesmo pra quem não tem nenhuma deficiência, vivenciar as belezas do mundo sem as amarras do enxergar, sem precisar olhar, enfim. Como experimentar o belo de olhos fechados?

C: Ah, a tua pergunta é maravilhosa! Tu sabes que à medida que a minha visão foi piorando, sobretudo de 2015 pra cá, num primeiro momento porque o descolamento de retina foi mal curado e o silicone necrosou a retina da vista direita, e, na outra vista, um problema de escavação do nervo óptico que sempre tive, na medida que a visão foi piorando, as pessoas que me convivem comigo começaram a dizer: caramba, como você, depois que foi perdendo a visão, ficou fresco com algumas coisas! E aí então é

maravilhoso porque o café eu tomava qualquer coisa. Aliás, era preciso conseguir tomar qualquer coisa, porque o café da minha escola concorreu, com sucesso mundial, para o pior café do mundo. É uma brincadeira, mas poderia certamente ser eleito.

Mas, de um tempo pra cá...

F: Lá em Brasília, professor, a gente brincava que tinha o "café de licitação". (risos)

C: O que eu sei é que eu comecei a ficar fresco porque a nossa experiência com o mundo, ela é complexa, ela é plural, ela se dá por uma combinação de estímulos determinada pelos nossos sentidos. Então poderíamos dizer que, numa situação trivial, você está diante de um prato de comida que você vê, cheira, sente o paladar, se for pegar com a mão, tem a questão do tato das coisas, mas a consistência da comida, você pode sentir também por intermédio dos talheres etc. Dada a primazia cultural da visão, essa fragmentação da experiência acaba empobrecendo muito nosso contato com a realidade através dos outros sentidos. A partir do momento que eu me vi privado significativamente da visão, o que aconteceu imediatamente? A minha consciência, para ser bem simplista, a atenção que eu passei a dar aos meus encontros com o mundo, se envolveu de maneira preferencial, para aquilo que era remanescente: aoroma o som, o paladar, a textura das coisas. Eu me atrevo a dizer que, imediatamente, dessa dispersão da experiência, esses 4 vínculos com a realidade se qualificaram. É a palavra. Então o paladar tornou-se um ponto de tangência com a realidade que passou a ter uma importância que antes não tinha, e assim por diante com os outros. O ser amado, na hora de beijar, muitas vezes, um indicativo, quase que exigido do beijo, é estar com os olhos fechados. Porque o beijo é uma experiência tátil. Entende-se que o olho aberto nessa hora é indicativo de algo que empobrece a experiência da boca na boca. Então, se você beija com olho aberto, não está dando ao beijo a importância devida e não está conferindo ao beijo o envolvimento afetivo esperado. Então espera-se que o olho esteja fechado. O fechar do olho é quase condição de respeito por aquela experiência. Do ponto de vista gastronômico, podemos pensar da mesma maneira. Fechar os olhos imediatamente dirige a nossa consciência daquela experiência para aquilo que remanesce, ou seja, os outros sentidos. É impressionante como as nuances de paladar ganham uma importância impossível de ganhar com os olhos abertos. Assim o toque com as mãos, a beleza do som, aqueles que degustam música em alto padrão, costumam fazê-lo com os olhos fechados.

Eu lembraria aquele filme com aquele cidadão tetraplégico, "Os Intocáveis". Ele era ajudado por um indivíduo contratado pra isso. Se você lembrar que ele ouvia música, ele ouvia com os olhos fechados. Era um especialista. Então eu te diria, respondendo à tua pergunta que, intuitivamente, não é questão de alta filosofia. Intuitivamente você qualifica a experiência sensorial a partir do momento que você direciona pra ela sua consciência e eu diria que fechar os olhos é condição para isso. Como se a gente tivesse água escorrendo por 5 ralos e um dos ralos, muito grandes, nós, de repente, tivéssemos esse ralo, deixando mais água escorrendo pelos ralos remanescentes. Do ponto de vista da habitualidade das experiências, esse tipo de prática pode qualificar, de maneira definitiva, nosso contato com o mundo e com as belezas.

C: Então tá aí, no nosso encontro semanal para pensar a vida com outros olhos, convidamos a você a pensar em como reorganizar seu contato com o que existe de mais poderoso, o sabor, o contato com os elementos naturais, as possibilidades de experimentar a natureza, o paladar, a música, o contato com o outro de maneira mais ampla.

Na nossa última live, professor, o senhor falou sobre a visão egoísta, a visão simplesmente como via de mão única, numa relação de afeto, de amor, e isso bombou nas redes, muita gente me procurando, dizendo para a gente falar sobre essa ideia de visão egoísta, novamente. Você pode retomar um pouco disso, professor?

C: O que vou dizer é complementar àquilo que eu disse, para contribuir, mais que repetir, para aperfeiçoar aquilo que quis dizer. Toda nossa vida afetiva é marcada por um componente de solidão. Em outras palavras, ninguém vê o mundo como nós vemos, até porque nossos olhos são únicos, são incomparáveis, mesmo porque a perspectiva em relação ao mundo também é única. Para que alguém tivesse a mesma perspectiva que nós temos em relação ao mundo, seria preciso que ocupasse o nosso lugar, o nosso corpo, o nosso ponto de vista, o que não é possível. Da mesma maneira, nos demais sentidos, aquilo que tocamos é uma prerrogativa nossa, ninguém tem uma experiência tátil idêntica à nossa, pelas mesmas razões, assim como a audição, o paladar... Tudo que nós temos do mundo, temos a partir de uma produção que é do nosso corpo. O mundo como ele é, em si, nos é inacessível. O que nos é acessível é o mundo capturado pelos nossos recursos, o que eu poderia chamar de "Mundo Para Nós".

Eu digo "nós", digo "para cada um de nós", diferentemente. O mundo é um pra cada um, mesmo, o que fez muita gente dizer que o homem é a medida de todas as coisas. Em outras palavras, a realidade fora de nós só é apreensível pelo homem em função dos recursos do homem, se o homem tivesse outros recursos, o mundo seria completamente outro. E não precisaria de muito para que o mundo mudasse completamente. Então, como o mundo é por ele mesmo, isso nos escapa. Se a gente aumentar os instrumentos de observação do mundo, vamos encontrar outros mundos etc. Além disso, nossas sensações, dores, angústias, elas são prerrogativas exclusivamente nossas. Então, a partir dessa solidão como condição dessa existência, Carlos, ninguém sente o que nós sentimos, ninguém percebe o que nós percebemos.

Mesmo quando damos causa à sensação do outro, a sensação é do outro e permanece 200 por cento do outro. E se nós nos alegrarmos com a alegria do outro, na prática a alegria do outro é uma, e a nossa é outra.

Então nessa perspectiva radical de solidão como condição da existência, evidentemente faz muito sentido o que eu tentei dizer no nosso primeiro encontro. De uma certa maneira, não tem outro jeito se não imputar à questão da visão a dimensão egoísta que eu destaquei no nosso primeiro encontro. Mas, é claro, é o tipo de provocação que pode ser discutida, trabalhada, melhorada, aperfeiçoada, contradita...

contra-argumentada... Estou totalmente à disposição para aprender com quem quiser pensar conosco.

F: A beleza dessa reflexão, é abrir a ideia de que houve muitos comentários. A ideia de que, quando se toca a coisa é mútua, quando se diz, a coisa é mútua, mas, ao ver, a contemplação, como o senhor disse, é única, é de cada um e, por isso, é tão intrigante e desafiadora. Acho que, nesse nosso papo, em absoluto a gente diminui, desconsidera as possibilidades de captar o mundo por meio do olhar e quanto isso deve ser valorizado. Existe um texto belíssimo da Hellen Keller, e ela conta o eu faria se pudesse ver e ouvir por 3 dias. E aí ela vai dizendo de momentos que ela gostaria de experienciar, aqui do meu lugar, obviamente, se enxergasse, com certeza faria uma série de coisas que hoje são impossíveis de fazer, desde o olhar pros rostos das pessoas que a gente ama, até revisitar lugares fantásticos como a Serra do Rio do Rastro que eu acabei de contar aqui pra vocês. À parte disso, em não podendo ver, a experiência, o aprendizado de se poder reorganizar a vida e captar a beleza de outras formas é algo precioso. E esse nosso encontro é também um convite pra você, que, nesse início de 2021, aceitou nosso chamado para pensar a vida com outros olhos, e agora deve estar em um momento de reflexão, talvez fazendo uma caminhada, ou mesmo as atividades domésticas que são hoje tão bem acompanhadas pelos podcasts, um convite para que você se permita fechar os olhos por alguns instantes... Não desperdiçar o que pode ser visto, mas aproveitar as suas outras habilidades de se conectar com o mundo, de fazer o mundo, como disse o professor, o mundo que é impossível de ser definido, de ser traduzido, mas que é plenamente captável por cada um de nós... De fazer esse mundo único a partir da sua capacidade de enxergar o belo com outras possibilidades.

A gente vai chegando ao final do nosso segundo episódio. Mais uma vez quero agradecer a quem parou para nos ouvir e que, com certeza, segue essa conversa, seja consigo mesmo, seja com aquelas pessoas que ama, levando a ideia a frente, de ver o mundo com outros olhos. E na próxima semana, a gente volta com mais um tema que a gente espera contribuir com boas reflexões e bons olhares acerca do mundo.

Obrigado, professor! Até a próxima!

C: Eu me despeço com uma pequena pílula. Sempre me chamou muito a atenção a decepção de muitos com a primeira experiência íntima da vida. Eu então comecei a refletir um pouco porque muita gente se decepcionava. Uma das coisas que me ocorreu é que, enquanto, por exemplo, você não vê o ser amado completamente desnudo, você pode imaginar como quiser. E o imaginário é rico, é infinito, é invencível, não tem barreiras, é encantador, é dramaticamente criativo, é incrível. Aí vem o dia da experiência, e a experiência não precisa ser ruim, pode até ser boa, ela implica uma redução absoluta do imaginário plural e infinito, frente a uma realidade que se impõe de maneira coercitiva, que é definida exatamente por uma experiência sensorial que é aquela. Eu não estou mais autorizado a imaginar o amado do jeito que eu quiser, porque agora eu já o vi. De tal maneira que nós poderíamos sugerir que o excesso de informações sobre o mundo e o flagrante visual do mundo, pode ser, aqui e acolá, amputador, redutor e empobrecedor, da nossa competência imaginativa. E a

PODCAST VEJA BEM

beleza também é uma coisa do imaginário, Carlos. A beleza também é uma questão de imaginação. Não é só o olfato, o paladar e o tato que melhoram, não. O imaginário, ele é fantástico. E ele é o grande instrumento, a grande alavanca de toda produção artística da história. E é por isso que vai aqui o meu abraço a todos os nossos ouvintes. Uma alegria tê-los tido de novo em nossa companhia, e a certeza de que continuaremos juntos, porque quando a coisa é prazerosa e feliz, o que a gente quer mesmo é que não acabe nunca. O que a gente quer mesmo, é continuar.

Um abraço a todos! Valeu!

V: Esse conteúdo foi trazido até você por meio da parceria entre Espaço Ética e Social Soluções. Quer saber mais sobre cada um de nós? Visite os nossos sites:

www.espacoetica.com.br

www.socialsolucoes.com

